



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Televisão e escola: aproximações e distanciamentos¹

Maria Aparecida Baccega

RESUMO: O texto discute as relações televisão e escola, passando pela alfabetização e educação. Apresenta pesquisa realizada com professores dos diferentes níveis de ensino e também com coordenadores pedagógicos sobre televisão e escola, comparando os resultados a outras pesquisas realizadas no Brasil e em outros países.

A televisão chega ao Brasil em 1950, por obra de Assis Chateaubriand. Desde sua implantação, tem trilhado um caminho de pleno êxito, influenciando gerações, através de seus vários gêneros, com destaque para a ficção, sobretudo as telenovelas.

Hoje, não é possível pensar a realidade brasileira sem a televisão. Ela conforma desejos, influencia a categorização dos anseios, generaliza particularidades, compõe o tecido da cultura. Educa.

Falar de televisão deve implicar falar do contexto cultural no qual ela está inserida, ocupando-se dos aspectos dominantes da cultura, que regem tanto o enunciador (emissor) quanto o enunciatário (receptor). Um desses aspectos é a assimilação que a televisão faz dos componentes populares da cultura, assenhoreando-se deles a partir de suas linguagens, devolvendo-os sob a roupagem do sistema ao qual a TV serve. Ninguém escapa desse sistema de assimilação, caso contrário não publicizará seus pontos de vista. O que não sair na televisão não ganhará foros de “coisa pública”. É como se não tivesse acontecido.

A televisão atua na área dos valores. Ela ajuda a construir, por exemplo, uma imagem da mulher e a difunde em sua programação, partindo sempre dos ideais postos presentemente ou virtualmente pela sociedade. Assim é que só as mulheres boas se casam. Por mulheres boas entendam-se as plenas de virtudes como tolerância e submissão. As demais serão castigadas de algum modo e só alcançarão a plenitude (assim é colocado o casamento) se se redimirem através do sofrimento ou através de algum “homem bom” que lhes dê a mão. E é essa, em geral, a forma que a imagem da mulher estará sendo veiculada

¹ 1 Trabalho apresentado no NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

nos mais diferentes gêneros televisivos. Afinal, a televisão desempenha o papel de buscar renovar constantemente as manifestações de conformismo, garantindo a permanência do que está e do que é.

A televisão é um aparelho doméstico, que compõe o cenário dos lares. Quando na casa existe apenas um aparelho de televisão, ele fica geralmente na sala, servindo para a congregação da família em determinados períodos do dia. Desse modo, a TV pauta o que a família vai discutir: os temas que ela escolheu para veicular. Ou então, onde há vários aparelhos de televisão, as pessoas se isolam, vendo programas muitas vezes diferentes, o que acaba por dificultar, inclusive, o diálogo familiar, levando a que pais sequer saibam que programação está sendo vista por seus filhos.

Como se vê, a televisão caracteriza-se pela sua complexidade. A mensagem televisiva é apenas um território onde se cruzam numerosas influências que vão da cultura aos gêneros. A forma da mensagem é a aparência de que se reveste em um determinado momento o produto do que foi produzido no encontro com aquele que interpreta.

TELEVISÃO E ALFABETIZAÇÃO

Podemos afirmar que as crianças chegam à escola já alfabetizadas. Não na alfabetização que implica a escritura, mas na alfabetização audiovisual. É o que Huergo chama de alfabetizações pós-modernas².

O autor começa lembrando o papel importante que a escritura desempenhou na organização social e política moderna, destacando dois fatos históricos distantes 200 anos um do outro: a Revolução Francesa (1789) e a queda do Muro de Berlim (1989). Em ambos, a circulação clandestina de livros proibidos desempenhou importante papel. Na Revolução Francesa eram, por exemplo, livros que, com a devida contextualização histórica, continham anedotário sobre a condessa Du Barry, amante de Luís XV, e em 1989,

² HUERGO, Jorge A. Comunicación/Educación. Âmbitos, prácticas y perspectivas. La Plata, Educaciones de Periodismo y Comunicación, 1997

livros de Freud e de Kafka ou que tratavam da Escola de Frankfurt eram os que mais circulavam de porta em porta.

Também na economia de mercado, na organização jurídica e na administração do Estado a alfabetização, juntamente com a escolarização, produziram mudanças importantes. “Antes de mais nada, a escritura (como tecnologia da palavra) provoca uma reestruturação da consciência. Desse modo, a alfabetização possibilita uma mudança drástica e irreversível no *ethos*: enquanto abre novos caminhos para o conhecimento e para a cultura, fecha outros definitivamente. A alfabetização, associada à lógica escritural e à escolarização, provoca processos dos quais não se volta atrás.”³

Ocorre que a lógica da escritura foi colocada em segundo plano nas últimas décadas. Ela foi ultrapassada pela hegemonia audiovisual e isso traz conseqüências.

Como lembra Huergo⁴, existe uma relação entre os modos de comunicação, a estruturação da percepção e a evolução do imaginário e das ações coletivas. Mudanças no primeiro implicam mudanças no segundo e os dois juntos implicam mudanças no terceiro elemento. Podemos falar, no caso, da passagem das culturas orais para a lógica da escritura e, por fim, à hegemonia audiovisual, embora tenhamos a convivência de todos esses tempos e destempos em termos de Brasil e de América Latina. Assim podemos assistir à passagem das culturas orais para a hegemonia audiovisual, sem que se passe pela escritura. Aí temos o que se pode chamar de *oralidade secundária*, mais ligada aos meios de comunicação, sobretudo à televisão, que aos livros.

A alfabetização que as crianças trazem para a escola é essa: oralidade secundária, resultado da comunicação generalizada, da sociedade dos meios de comunicação. Nessa contemporaneidade, não se pode falar de uma história unitária. Trata-se, agora, de uma sociedade que “não é mais transparente (mais consciente de si mesma), e sim mais complexa, opaca e caótica; os meios dissolveram os pontos de vista centrais, os grandes relatos e contribuiram para a explosão e multiplicação de diferentes visões de mundo”⁵. Os meios construíram, portanto, uma *alfabetização múltipla*. Eles elaboram novas formas de

³ HUERGO, Jorge A. Comunicación/Educación...p. 82

⁴ HUERGO, Jorge A. Comunicación/Educación... p. 83

⁵ HUERGO, Jorge A. Comunicación/Educación...p. 83



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

conhecimento, que não podem ser recortadas, organizadas e controladas pela escola. “*Múltiplos e diferentes* modos de comunicação que por sua vez suscitam *múltiplas e diferentes* estruturações da percepção, e esta co-evolução produz *múltiplos e diferentes* imaginários, crenças, expectativas e ações mais ou menos coletivas. O marco/produto desses processos é o que poderíamos denominar tecnocultura.”⁶

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

Assim, a televisão introduziu-se como fonte de educação que não pode ser ignorada. Ainda que as escolas continuem a considerar educação apenas aquilo que resulta de um processo ensino-aprendizagem baseado na lógica da escritura, em que os alunos devem apreender aquilo que lhe é ditado pelos conteúdos programáticos, no mais das vezes ultrapassados, e devolver em provas ou outras atividades equivalentes, a cultura está impregnada desse novo jeito de pensar, de construir o imaginário. Educação, portanto, não é instrução.

Não se pode negar a importância que a escola sempre teve historicamente. Com grande parcela de responsabilidade pela democratização do saber, sua fórmula foi exitosa durante séculos. Muitas vezes considerada apenas como fase de transição para o mercado de trabalho, ela cumpriu adequadamente seu papel. Hoje, se vê premiada pelas novas condições culturais, tornando-se, muitas vezes, prioritariamente, um equipamento que serve ao controle social e político, acabando por colaborar com a exclusão.

Paralelamente à escola, e com poder de fogo maior no que se refere a influências culturais, está a televisão, a qual trabalha com signos que clamam por seus significados nos próprios significantes. Ou seja, é como se os signos que compõem a TV não necessitassem de referentes, e atingissem diretamente os sentidos, as emoções, diferentemente do que acontece com os signos da linguagem verbal, com a leitura-escrita, com os livros, nos quais se baseia a escola.

⁶ HUERGO, Jorge A. Comunicación/Educación... p. 84



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Interatuar com uma fonte educativa que interpela os sujeitos-audiência essencialmente através dos sentidos e das emoções, é uma mudança paradigmática importante nas teorias e entendimentos educativos e, particularmente, nas concepções e compreensões da aprendizagem contemporânea. Estas, tradicionalmente, se basearam em e referiram-se à linguagem escrita, e mantiveram o livro como seu principal meio de transmissão-apropriação.”⁷

Este é um dos grandes desafios da escola. Para tanto, necessário se faz deixar de compreender a educação como instrução, a aprendizagem como produto apenas do ensino, educandos apenas como alunos, conhecimento como saberes fragmentados. É preciso incorporar-se ao ecossistema comunicativo, no qual a televisão exerce importante papel.

É preciso deixar de encarar a televisão como inimiga, como suspeita, pelo fato de ela ser divertida – o que é divertido também pode educar; deixar de usar a televisão, o vídeo como meros “ilustradores” das aulas baseadas em linguagem escrita. Como vimos, a televisão traz outra linguagem, na qual o aluno está alfabetizado e que a escola precisa saber usar para obter êxito em seus objetivos. Usar a televisão, portanto, não como “substituta” do professor (que ela nunca será), nem como equipamento “modernizador” que tem como base os mesmos conteúdos ultrapassados ainda veiculados pela escola.

TELEVISÃO E ESCOLA

A televisão reconstrói os conceitos de tempo e espaço. Tudo o que acontece, e foi escolhido para ser noticiado por ela, apresenta-se como parte de um presente contínuo, como se não existissem o ontem e o amanhã. O que foi visto no noticiário de ontem poderá ser visto novamente hoje, não como repetição mas como permanência no tempo. Na hora que quiser, tudo pode passar na televisão: o que aconteceu antes, ou muito antes, como a Revolução Francesa, por exemplo, é mostrado como se estivesse ocorrendo naquele momento, com um grande grau de verossimilhança.

⁷ OROZCO GÓMEZ, Guillermo. ..Televisión, audiencias y educación. In: Televisión: audiencias y educación. México, Grupo Editorial Norma, 2001. p. 66



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O que se aprende na televisão tem sido cada vez mais importante, para crianças e jovens, do que aquilo que se aprende na escola, uma vez que as fontes de aprendizagem se multiplicam cada vez mais na televisão e mantêm-se restritas no âmbito da escola. “Outra faceta dessa deslocação se manifesta nas fontes legitimadoras das aprendizagens. Antes, o livro tinha a ‘última palavra’ nos combates do professor em sala de aula. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra a têm os sujeitos-audiência e seus olhos: ‘se vejo na televisão, eu creio, é verídico, se não o vejo, posso duvidar e desconfiar’. A visão, então, converte-se em legitimadora daquilo que passa por ela, sem importar se é verídico, valioso, inteligível, estruturado ou simplesmente banal, falso, manipulador ou enfiado enquanto produto necessariamente de representações. A partir da implantação da televisão, os sujeitos educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significado, frente à proliferação da significação representacional e multicolorida do televisivo.”⁸

Isso porque, com a televisão, a divisão sempre existente entre o mundo dos adultos e o mundo dos jovens e crianças deixa de existir. Assim, um livro para adultos dificilmente podia ser lido por uma criança: não apenas porque era “proibido” e escondia-se da criança (e ela chegava a ser penalizada se o lesse), como porque o vocabulário para adultos difere do vocabulário dos livros infantis ou infanto-juvenis. Já com a imagem da televisão isso não ocorre: a criança vê as mesmas imagens que o adulto, ainda que lhes dê outras interpretações. A mística que envolve os adultos desaparece: hoje eles são vistos como seres que podem ser agressivos, algumas vezes injustos, outras vezes bebem e nem sempre se pautam pela ética do discurso que adotam.

E a escola continua a utilizar-se do livro, apenas. Como se todo o conhecimento emergisse dele e fora dele não houvesse salvação. Todas as etapas de aprendizagem têm como parâmetro a leitura da linguagem escrita, e o saber livresco, repetido pelo aluno, é que garantirá seja ele considerado um vitorioso ou um lento na aprendizagem.

Ocorre que a leitura, quanto menos controlada por uma instituição (no caso a escola) mais criativa poderá ser. Se ao aluno compete exclusivamente “repetir” a

⁸ OROZCO GÓMEZ, Guillermo, Televisión, audiencias...p. 79-80



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

interpretação do professor, pouco de suas experiências, de sua cultura poderá estar na volta seguinte da espiral do conhecimento. Como sabemos, não há 100% de reprodução, mas ela poderá ter uma extensão que dificulte a agilidade da construção do novo.

Com a imagem as coisas se passam diferentemente. A leitura da imagem é mais livre, o poder de absolutizar o entendimento fica restringido. Por isso, o medo que a escola tem da imagem e, portanto, da televisão, que se utiliza de uma linguagem que sincretiza o verbal e o não verbal. Ao usar a imagem, a escola procura dificultar a polissemia, que é de sua natureza, utilizando-a como mera ilustração do escrito ou colocando-lhe legendas que conduzam a interpretação.

Na verdade, a escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos, criados num ecossistema comunicativo que não se restringe à utilização de imagens ilustrativas ou da televisão e do vídeo como complementos. Caso contrário, vão ficando cada vez mais distantes a experiência cultural de que falam os professores daquela que trazem os alunos, na qual eles se banham e da qual aprendem. E os discursos caem no vazio.

Na verdade, trata-se de outra maneira de ver e de ler, de sentir e apropriar-se do mundo, com relação à qual a escola não pode se omitir. “Pela maneira como se apega ao livro, a escola desconhece tudo o que de cultura se produz e circula pelo mundo da imagem e das oralidades: dois mundos que vivem, justamente, da hibridação e da mestiçagem, do revolvimento de memórias territoriais com imaginários des-localizados.”⁹

A linguagem escrita, o livro, continuará a ser “a chave da *primeira alfabetização formal* que, em vez de fechar-se sobre si mesma, deve hoje pôr as bases para essa *segunda alfabetização* que nos abre às múltiplas escrituras, hoje conformando o mundo do audiovisual e da informática”.¹⁰

⁹ MARTÍN-BARBERO, J. & REY, G. Os exercícios de ver. São Paulo, Senac, 2001. p. 61

¹⁰ MARTÍN-BARBERO, J. & REY, G. Os exercícios... p. 62

DEPOIMENTOS

Mas o que andam pensando os professores sobre televisão e escola? Para responder a esta questão, procuramos professores de ensino superior e de ensino fundamental e médio, além de coordenadores pedagógicos da rede pública e da rede particular de ensino. Pedimos a eles que redigissem um parágrafo sobre televisão e escola. A escolha desses professores foi aleatória e levou em consideração a disponibilidade de cada um para atender a solicitação.

Buscamos, independente de idade ou formação de cada depoente, tentar conhecer o que pensam enquanto professores de sala de aula, dialogando diuturnamente com seus alunos, ou enquanto responsáveis pelo andamento pedagógico de uma escola, colaborando para a elaboração das diretrizes do planejamento dos próprios professores.

I. PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Foram consultados 12 professores de ensino superior, os quais percorrem, para perfazer sua carga horária total, 13 faculdades particulares da Grande São Paulo. Isso demonstra a condição de influência que tais professores detêm na divulgação de suas concepções a um número bastante extenso de alunos do curso superior.

O traço que os une é a condenação à televisão comercial, repassando-lhe, aparentemente, a responsabilidade pela veiculação de programas que satisfizessem um idealizado objetivo educacional, ao mesmo tempo em que é rara alguma referência a uma visão mais totalizadora do processo, mostrando a televisão e os telespectadores como parte do sistema sócio-político-econômico no qual vivemos.

1. Visão negativa



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Penso que o meio televisão pode e dever ser aperfeiçoado do ponto de vista do conteúdo, com vistas a oferecer um serviço permeado pela construção da cidadania.”(Carmem)

“Sendo assim, seria muito interessante as TVs abertas investirem em telenovelas educativas para atender às necessidades das crianças...”(Fabíola)

“Televisão é entretenimento, mas pode ser muito útil no processo educacional, desde que a programação seja orientada e supervisionada pelos pais e professores.”(Éster)

Como se pode deprender, a televisão é vista de maneira negativa pela maioria dos depoentes, sendo que alguns chegam a apelar para a intervenção do governo, o que é sempre preocupante.

“A TV é que deveria ter mais responsabilidade pelo que ensina ou estimula durante sua programação. O governo deveria ser mais severo e questionador na escolha dos parâmetros de ensino durante as programações normais de TV.” (Regina)

“A televisão, ao estar a serviço da lógica do mercado, não pode cumprir o papel potencial que tem de ajudar na capacitação e informação de professores e alunos.” (José)

2. Encaminhamento de solução

Aparecem algumas propostas de encaminhamento de solução, que não seja a de transformar a televisão comercial em instrumento idealizado de educação. Dizemos idealizado, pois, se dependesse de pais e professores, o que será que a televisão conteria? Não são eles, por acaso, tão telespectadores, alimentando os ibopes, quanto os alunos?

Por outro lado, seria possível a existência de um meio de comunicação que, operando numa sociedade capitalista, apresentasse programação de conteúdo diverso? A quem se dirigiria tal programação?



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Mas à televisão não pode ser atribuído o pecado original. Na verdade, ela é um reflexo da ideologia capitalista, impregnada em todos os setores da vida moderna, mesmo nas escolas. Estas também acabam reproduzindo em seus programas uma formação mais tecnicista, fragmentada, voltada às necessidades do mercado, em vez de estimular a reflexão e a transformação. Uma das alternativas seriam as TVs educativas, comunitárias e universitárias, que podem contribuir para a criação de opções desenvolvendo programas com formatos e conteúdos criativos e vinculados ao processo de formação da população. Elas deveriam funcionar como vanguarda na experimentação de programas, que posteriormente pudessem servir de inspiração e de exemplo à TV comercial como opção aos telespectadores.” (Marli)

Na mesma linha, diz outra professora:

“Por que Cao Hamburger e Flávio de Souza não recebem a verba que merecem? Ficam apenas a ser repetidos inúmeras vezes os deliciosos episódios de *Castelo Rá tim bum*, *Cocoricó*, *No mundo da Lua* ... Por que não encher as diversas telinhas de Ninos, Bibas, Celestes, Castelos? Por que não deixar a turma do Júlio tomar conta da nossa TV?” (Regina)

O intercâmbio entre os dois campos também aparece.

“Que ela (a televisão) poderia ser recurso para a Escola é verdade. Que a Escola poderia ser fato de melhoria constante do padrão da programação da TV também é verdade.” (Ângelo)

II. PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Consultaram-se 73 professores do ensino fundamental e médio. Aqui, os depoimentos, pela linearidade, possibilitaram a categorização em visão pessimista, a



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

maioria, visão otimista e relações escola-televisão, nos quais se constata a percepção do encontro escola-TV.

1. Visão pessimista (40 ou 54,7%)

A percepção maniqueísta dos meios, sobretudo da televisão, encontra guarida na grande maioria dos professores. Alguns depoimentos são bastante esclarecedores.

“A televisão deturpa as idéias, sentimentos e opiniões das crianças que estão em formação de personalidade.” (Adriane)

“A TV também é produto da técnica e da ciência, ela entrou no ritual de transmitir ‘verdades’ e com isso enfeitiçar a inteligência dos receptores.” (Isabel)

“Perdemos muito tempo da nossa infância, da adolescência, da vida adulta simplesmente porque acostumamos passar muito tempo na frente da televisão, e a tragédia está no fato de que *o que se perde é perdido para sempre.*” (Rosa Maria)

“Muitas vezes a TV é usada como instrumento de manipulação e manobras políticas. Às vezes traz falsas ilusões às pessoas e na ânsia de vender produtos, afinal sobrevive de propagandas, causa inversão de valores na sociedade. É crescente a banalização da violência e do sexo, pela TV, com exposição de programas de músicas, desenhos, filmes, novelas e programas jornalísticos que não tratam o tema com seriedade e responsabilidade. O baixo conteúdo cultural dos atuais programas expõe pessoas ao ridículo.” (Rosa)

“A televisão pouco colabora com o trabalho educacional. Influencia de forma negativa, pois apresenta programas (em geral) e desenhos que estimulam a violência, a sexualidade e outras coisas. (...) A mídia, ao contrário do que deveria, muitas vezes acaba se confrontando com os valores trabalhados na escola.” (Elen)

“A televisão prejudica o processo ensino-aprendizagem, tornando as crianças mais violentas, deixando de lado os estudos.” (Marta)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“A televisão não exerce boa influência em nossas crianças. Alguns programas influenciam as crianças, tornando-as violentas, agressivas e incompreensíveis, afetando, assim, sua educação e prejudicando o andamento das aulas.”(José)

“É um meio que induz seus produtos e suas imagens como sendo a única verdade, interferindo e deseducando os alunos.”(Cristiane)

“A televisão traz uma influência negativa para a escola, pois a criança prefere ficar mais tempo na frente da televisão do que ir à escola.”(Edinalva)

O tom desses depoimentos vai ao encontro do que já afirmamos: estabelece-se uma disputa entre escola e televisão. Na prática cotidiana, a televisão sempre leva vantagem. Por outro lado, a percepção de educação que está colocada é desviada, pois, na verdade, a televisão educa. Pode-se discutir, isso sim, os valores predominantes nessa educação. Ou, em outras palavras, ainda que o objetivo da televisão não seja educar, as crianças e jovens aprendem com ela.

Outras vezes, é o reducionismo que se manifesta:

“A TV contribui para estimular a violência e propagar o discurso neoliberal do governo.” (Joana)

“A televisão atualmente não contribui com nada. Cada vez mais os programas estão ficando depravados. (...) A realidade passada na televisão está longe da realidade atual.”(Mariângela)

Afinal, o que se vê na televisão é o reflexo/refração do que se passa na sociedade. Se assim não fosse, a programação se distanciaria da população e seria impossível segui-la.

Também entre os professores de ensino fundamental e médio aparece a concepção de controle.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Seria necessário haver uma regulamentação mais rígida no que diz respeito a horário e qualidade dos programas, para que a televisão deixasse de se mostrar como instrumento que causa certa preocupação ou talvez até exerça influência negativa sobre nossas crianças.” (Patrícia)

2. Visão otimista (21 ou 28%)

Estamos denominando de otimista os depoimentos que percebem o dinamismo da televisão e a necessidade de se trabalhar seus conteúdos na escola.

“Hoje em dia o acesso à televisão está muito facilitado. Os alunos trazem essas informações adquiridas pela televisão e levantam críticas e opiniões. E é na escola, no convívio com os amiguinhos, que eles colocam o que aprenderam em prática.” (Gabriela)

“A televisão é também um transmissor de conteúdos/conhecimento. Sabendo ‘filtrar’ os programas, várias atividades podem ser elaboradas. Até um certo ponto, é um ótimo meio de se aprender brincando.” (Eliane)

“O papel da escola seria o de ‘tentar’ selecionar o que é visto pela criança ou pelo menos filtrar algo de bom naquilo que eles vêem.” (Cleide)

“O aluno traz de casa uma informação que ouviu na televisão. O professor trabalha esse conteúdo numa aula formativa.” (Dolores)

Percebe-se nesses depoimentos o objetivo de construir o conhecimento do aluno a partir do que ele traz. E, sem dúvida, a televisão é fundamental nesse processo.

“Não se trata simplesmente de ‘boicotar’ a televisão, mas ajudar a comunidade escolar a desenvolver uma crítica a respeito da mesma.” (Maria Cristina)

“Seu papel na escola é de grande ajuda, pois suas reportagens e aulas como telecurso são bem preparadas, ilustradas e apresentadas com material concreto para o desenvolvimento criativo de cada indivíduo. É um meio rápido, eficaz e faz parte da vida



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

das pessoas, mesmo as de baixa renda. Sua ação educativa e informativa abrange todos os povos." (Renata)

3. Relações escola-televisão (12 ou 16,4%)

Aqui categorizamos os depoimentos que manifestaram a dinâmica do encontro entre escola e TV.

“A televisão é uma grande fonte de informação que as pessoas têm. Cabe à escola organizar essas informações que os alunos trazem, transformando-as em conhecimento.”(Gislaine)

“A televisão é um canal de informações constantes, porém, a partir do momento que na escola é transmitido um conhecimento, embasado na teoria, tomamos em nossas mãos essa informação como algo a ser criticado, analisado com um olhar ativo e não passivo.” (Eliane)

“Hoje a TV vem exercendo uma grande influência sobre o indivíduo. Ela tem sido um grande instrumento de informação, mas não de conhecimento. Então considero o seu papel como o de um iniciador da busca do conhecimento, um despertar da curiosidade e também um agente que contribui para a mudança, a coesão do pensamento.” (Cristiane)

III. COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Deram seu depoimento 13 coordenadores, na sua maioria de escolas particulares de São Paulo. Chamou-nos a atenção que a visão apocalíptica sobre o papel da televisão está presente em 7 deles, mais de 50% dos depoimentos.

1. Visão negativa



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Não agüento mais assistir a tanta coisa ruim na televisão. Se o futuro de nosso país e dos nossos alunos estiver dependendo dos conteúdos que tenho acompanhado, estamos realmente perdidos. Temos que lutar contra e jamais permitir que a televisão influencie o nosso trabalho em sala de aula.”(José Rafael, coordenador pedagógico de escola particular)

“Quanta porcaria, meu Deus! Tenho vergonha de assistir à televisão. Parece que me tomam por demente a cada segundo. Pobres alunos que não podem se defender.” (Silvana, coordenadora pedagógica de escola particular)

2. Televisão na escola

Entre os demais, alguns depoimentos chamam a atenção pelo engajamento com a contemporaneidade.

“Estamos preparando nosso aluno para o mundo e a televisão é parte integrante desse mundo. Não podemos voltar as costas para um fenômeno que marca com força a cultura de nosso tempo. Preparar para a vida é também preparar para a televisão.” (Inês, coordenadora pedagógica de escola particular)

“Se o aluno rico tem acesso a outras fontes, o nosso aluno de escola estadual fica ainda mais limitado ao repertório oferecido pela televisão. Por isso, trabalhar com eles esta questão é mais importante que tudo.” (Amanda, diretora de escola estadual)

“A importância da televisão na vida de qualquer um é óbvia. Cabe discutir o papel da escola diante deste fenômeno cultural. Se continuarmos com uma crítica estéril, não estaremos dando conta do que os alunos e a sociedade como um todo esperam de nós: preparar uma nova geração de receptores, menos passivos, mais críticos e mais seletivos nas suas opções.” (Ana Letícia, coordenadora pedagógica de escola particular)

Como se pode depreender dos depoimentos, podemos afirmar que a grande maioria condena a televisão, buscando excluí-la do processo educacional. Ou denunciam os excessos cometidos, ou aprovam apenas programas educativos ou ainda invocam o controle



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

público, que tem o nome de censura, e que serve para mostrar o despreparo de todos ao pensar televisão.

IV. OUTRAS PESQUISAS

Os depoimentos colhidos ratificam resultados de várias pesquisas realizadas sobre televisão e escola, na América Latina e em países da Europa. Elas revelam a dissociação entre dois tipos de cultura: a cultura elitista, monofônica, sacramentada pela racionalidade da ciência e da escrita, que marca a escola, e a cultura da diversidade, polifônica, marcada pela oralidade, pela imagem, pela narrativa, que caracteriza a cultura dos alunos. É nessa cultura diversificada, com a presença de várias linguagens, que os alunos se referenciam. É nessa cultura que se encontra a televisão, um dos marcos mais importantes dessa referência.

Orozco Gómez¹¹ relata pesquisa realizada com professores mexicanos sobre TV e escola. Seus resultados foram os seguintes: a maioria da amostra (50 a 60%) achavam que os meios de comunicação, especialmente a TV, quanto mais longe estivessem da sala de aula, melhor. Não deviam misturar-se. Outro segmento – de 25 a 30% – dizia que as crianças aprendem muito com os meios de comunicação, que há alguns programas instrutivos, que eles até gostariam de utilizar, mas que não se sentiam preparados nem tinham tempo para tratar deles agora. Finalmente uma minoria – de 12 a 15% – considerava que era muito importante trabalhar com os meios, devendo-se fazer o que fosse possível. Por exemplo, mandar assistir a um bom filme que a TV fosse veicular, assistir ao noticiário para comentar em classe.

No início da década 90, pesquisas realizadas na França e na Inglaterra, segundo Orozco Gómez, apresentaram resultados muito próximos.

O autor aponta algumas pistas para se pensar o porquê dessa situação. Segundo ele, essa competição entre escola e TV se dá, em primeiro lugar, porque os professores consideram que só eles detêm a competência de ensinar e eles percebem que os alunos

¹¹ Orozco Gómez, Guillermo. La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa. México, Universidade Nacional de la Plata (Beunos Aires) e Instituto Mexicano para o Desenvolvimento Comunitário, 1997. p. 136-140



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

aprendem também com a TV. Nós diríamos que aprendem às vezes mais com a TV. Ou seja, o monopólio do processo ensino-aprendizagem fica alterado.

Por outro lado, embora possam reconhecer que os alunos aprendem com a TV, nunca admitem que a TV educa, fazendo transparecer a concepção de que educação é apenas instrução.

Um outro aspecto levantado por Orozco Gómez é o fato de que os professores não conseguem competir com os recursos da imagem. “Frente aos recursos audiovisuais, os efeitos sonoros e as demais linguagens da televisão, o professor se sente aniquilado. E a reação é uma reação em potência: o inimigo não existe. ‘Poderá ser tudo o que seja a televisão, mas aqui não a trazemos, aqui não entra e ao não entrar aqui não existe’, é o que argumentam.”¹²

Também deve ser ressaltada a atitude moralista: o juízo com relação aos meios de comunicação são sempre em termos morais, com tudo o que isso tem de geracional. E, finalmente, um outro ponto que apresenta enorme resistência é a possibilidade de terem que modificar seu modo de dar aulas, de atualizar seus roteiros. “Nem sequer se deixam ‘tocar’ pelo potencial com que os meios poderiam brindá-los. É tal a desinformação, o rechaço, o temor e a impotência que nem sequer os caminhos intermediários lhes ocorrem.”¹³

Recentemente, Denise Cogo e Pedro Gilberto Gomes realizaram pesquisa no Brasil envolvendo televisão, escola, família e jovens. Segundo relato dos pesquisadores, os depoimentos dos educadores também “evidenciam a resistência em assumir e lidar com as transformações que vão se processando nesse modelo e suas repercussões no processo educativo que inclui a recepção televisiva de crianças e jovens”.¹⁴

Pais e educadores também se posicionaram no sentido de colocar limites no papel educativo da televisão, aprovando tão somente os programas educativos, ao mesmo tempo em que, tal como nos nossos depoimentos, invocaram algum tipo de controle público, o que, no limite, pode levar à malfadada e perigosa censura.

¹² Orozco Gómez, op, cit. p. 138

¹³ Orozco Gómez, op. cit. p. 138

¹⁴ Cogo, Denise e Gomes, Pedro Gilberto. Televisão, escola e juventude. Porto Alegre, Mediação, 2001. p. 7



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Como se vê, a maioria pode ser categorizada no que Ismar de Oliveira Soares¹⁵ denomina “vertente funcional-moralista de controle sobre a recepção de mensagens”. Perpassa os depoimentos a concepção de uma educação moralista para o senso crítico. É preciso que a televisão apresente tão somente aquilo que, idealizadamente, seria indicador de “valores positivos” e, paralelamente, que as crianças e jovens sejam protegidos do que aí está, evitando-se o contato deles com a televisão, banindo-a do universo desses telespectadores. Ou, então, é preciso instrumentá-los para reagirem a esse “mal” que assola a humanidade.

REFLEXÕES FINAIS

As crianças e jovens assistem aos programas de televisão que estão no ar – desde os chamados educativos até os programas produzidos para adultos. Portanto, nossa reflexão tem que levar tal fato em consideração. Qual o papel que cabe, hoje, a pais e professores, diante dessa realidade? Hoje se fala que a televisão é uma “escola paralela”, a qual, mesmo sem licença para ensinar, tem ocupado o lugar antes destinado à família e à escola.

Além disso, a televisão faz parte da cultura na qual vivemos, editando o mundo e tornando impensável uma sociedade sem a sua presença. E aí, como vemos, sua atuação envolve a todos: crianças e jovens, pais e professores. Ou seja, as duas instituições de educação tradicionais, escola e família, são, elas também, resultado da presença da televisão. Em outras palavras: a televisão serve também para fazer/criar cultura e não apenas para transmitir e divulgar. Como se pode ver, os desafios são múltiplos.

Uma das “soluções” apontadas, desligar a TV, não parece ter fundamento.

A televisão dissemina conteúdos através de uma linguagem que se utiliza do verbal e do não-verbal, incluindo-se aí os avanços tecnológicos. Alguns autores já falam em uma linguagem videotecnológica, onde se desenvolvem “elementos e combinações semióticas

¹⁵ Soares, Ismar de Oliveira. “Teoria e practica de la comunicaci3n: incidencia sobre los proyectos de educaci3n para los medios en America Latina.” In: **Educaci3n para la comunicaci3n**. Santiago (Chile), CENECA/UNESCO, 1992. P. 273-281



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

novas e distintivas que começam a ser os sistemas lingüísticos do futuro e que se diferenciam dos anteriores a partir da lógica de suas articulações”¹⁶, dando lugar a uma nova lógica, em que os signos de diversos tipos e procedências se justapõem para construir o espetáculo.

É o espetáculo que caracteriza a televisão contemporânea. Não é a disseminação de informações, apresentadas enganosamente como conhecimento, não é o objetivo de ensinar: o objetivo primeiro da televisão é conquistar, manter e permanentemente ampliar audiência e, para tanto, é preciso que cada vez mais o espetáculo se faça presente, sempre de maneira original, explorando-se novas combinações de códigos, de gêneros, de estilos, que a tecnologia facilita. Essa mesma tecnologia que, como lembra Orozco, permitiu que o telefone, além de veicular a voz – linguagem oral – passasse a transmitir também a linguagem escrita, através do fax. Ou, no caso da televisão, que seus sinais sejam recebidos por cabo, por antena parabólica ou por fibra ótica, além da tradicional recepção de uma fonte emissora. Também sua tela hoje tanto se transforma em uma tela de cinema (quando vemos um vídeo), como em uma tela de videogame ou de computador, ou ainda tela para uso de programas interativos de ensino programado. Portanto, a tecnologia nos obriga a falar não de um mas de vários tipos de audiência.

Todos compomos essas audiências. As crianças e jovens, sobretudo, pois pesquisas indicam que eles passam mais tempo em frente à TV do que em qualquer outra atividade, incluindo a escola ou o diálogo com os pais.

Se é verdade que a televisão não objetiva ensinar, é também verdade que as crianças aprendem com ela. E, a partir dela, constroem suas expectativas sobre o que e como fazer, constroem atitudes que, não raras vezes, reproduzem estereótipos de comportamento.

Junto com todo o lixo, a condenada violência, o excesso de informações fragmentadas, as mulheres-objeto que os meios de comunicação nos trazem, a transformação dos produtos culturais em mercadoria, vem também um conjunto de conteúdos de programas que constituem um estímulo para a imaginação, a aprendizagem, a

¹⁶ Orozco Gomez, Guillermo. *Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos*. **Comunicação & Educação** n° 10. São Paulo, CCA-ECA-USP; Moderna, set./dez. de 1997, p. 58



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

vida. Os meios de comunicação apresentam múltiplas realidades às quais até recentemente não tínhamos acesso, são a chamada “janela para o mundo”. Desse modo, abrem possibilidades de crescimento pessoal e social, que constituem uma aprendizagem constante.

Poderíamos observar que os desafios são de duas ordens, ambas inseparáveis e complementares: como introduzir os meios de comunicação na escola e como introduzir mais educação nos meios. Antes, porém, vale a pena lembrar que não se deve ver a televisão nem como causa de todo o mal social nem como a solução para esse mal. Assim sendo, nada prejudicaria mais a educação que introduzir a tecnologia nesse sistema escolar que tem o viés autoritário e é constituído por um discurso monológico, fragmentado em disciplinas estanques, praticamente sem diálogo com a contemporaneidade.

Faz-se necessário, portanto, que, prioritariamente, sejam reconhecidas as características da sociedade contemporânea, uma sociedade em que informação e conhecimento ocupam lugar de destaque tanto no plano econômico, onde se observam profundas alterações no modo de produção e, portanto, nas condições de trabalho, quanto no campo político e social, em que as denúncias de corrupção no aparelho de estado e o conseqüente apelo à ética levam a mudanças significativas no campo da política.

Logo, não há que se separar escola e meios de comunicação: ambos desempenham papéis sociais nessa sociedade da informação e do conhecimento e é dessa premissa que devem partir as atualizações em ambos os campos, os quais, na verdade, formam um único – o campo da comunicação/educação.

Não estamos considerando a comunicação como mero instrumento tecnológico. A comunicação é, antes de tudo, componente pedagógico, conformando-se em interdisciplina e campo de conhecimento.

Isso porque “a sociedade requisita a ampliação dos papéis e uma certa redefinição de propósitos da educação escolar em nosso tempo. Daí o imperativo de situar a sala de aula na rota onde se cruzam as mensagens dos *media*; as novas linguagens em suas múltiplas tessituras sígnicas; as lógicas geradas por conceitos de ensino/aprendizagem que escapam à tradição quase única do enciclopedismo ainda em vigência nas escolas; as



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sociabilidades marcadas, hoje, por outros modos de ver, sentir e compreender, sobretudo resultantes das linguagens audiovisuais e das aberturas surgidas com a informática; o reconhecimento de que existem distintas maneiras de aprender e dimensionar as relações espaço-temporais, assim como a possibilidade de exercitar lógicas não necessariamente sequenciais, lineares ou baseadas em sistemas explicativos por demais fechados, etc.”¹⁷

Vivemos todos no que tem sido chamado de ecossistema comunicativo. Nossa relação com as novas tecnologias é permanente. Vai desde a utilização do chamado dinheiro de plástico, os cartões, cada vez mais disseminados, até a internet, onde tudo se encontra: do melhor ao pior. Como já dissemos, trata-se de um novo *sensorium*, para o qual crianças e jovens estão muito mais disponíveis. Por outro lado, faz parte desse ecossistema comunicativo também a presença dos grandes meios de comunicação, sobretudo a televisão, que, como já vimos, se instituem em verdadeiras “escolas paralelas”, obrigando a uma nova dialogia: escola e meios de comunicação, uma vez que os saberes hoje estão descentrados, estão disseminados pela sociedade, tendo a escola deixado de ser o “centro sagrado do saber”. É essa circulação do saber, diversificado e fora do mundo da escola, que constitui o maior desafio à própria Escola.

Podemos observar que só no campo da comunicação/educação se poderá formar cidadãos: que saibam ler as várias linguagens, da escrita à videotecnológica, pois nelas estão contidas as decisões que afetam as pessoas na sua vida cotidiana; que saibam diferenciar os produtos dos meios de comunicação, sobretudo da televisão, atribuindo-lhes qualidades e defeitos, tendo como parâmetro uma sociedade mais justa e igualitária.

Em outras palavras: “só assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela nossa sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças”.¹⁸

Assim se coloca o grande desafio: à escola compete ser a grande mediadora entre os meios de comunicação e as crianças e jovens. Ao invés de considerar os meios de

¹⁷ Citelli, Adílson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. São Paulo, Senac, 2000. p. 141

¹⁸ Martín-Barbero, Jesus. *Desafios culturais da comunicação à educação*. **Comunicação & Educação** nº 18. São Paulo, CCA-ECA-USP; Segmento, mai./ago. de 2000. p. 59.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

comunicação como inimigos a serem exorcizados, a contemporaneidade redefiniu o papel da escola, obrigando-a a assumir o papel de agente mediador ou, no limite, ela ficará marginalizada da vida. É importante que a escola, nesse seu papel, seja capaz de orientar a aprendizagem dos alunos inclusive (quem sabe principalmente) fora do âmbito escolar; de levar os alunos a aproveitar o que os meios de comunicação oferecem de positivo, capitalizando para a escola a informação e o conhecimento que circulam descentradamente na sociedade.

Maria Aparecida Baccega

Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da USP

Editora da revista *Comunicação & Educação*. Coordenadora do curso de Pós-graduação *lato sensu* Gestão de Processos Comunicacionais